

Aulas cotidianas de violência e medo

DF Educação

Luiz Roberto Fernandes

Da equipe do Correio

Tiroteio, tráfico e consumo de drogas, vandalismo, rixa, assalto, furto. Tudo isso, que parece enredo de filme policial, faz parte da rotina de algumas escolas públicas do Distrito Federal. Um bom exemplo é o Centro de Ensino 10, em Ceilândia Norte, uma das três escolas da cidade que o Batalhão Escolar aponta como mais violentas. As outras duas são o Centro de Ensino 7 e a Escola Classe 47.

Até o ano de 1997 Ceilândia era a cidade do Distrito Federal onde se registrava o maior número de ocorrências policiais dentro de perímetros escolares. Entende-se por perímetro escolar toda a área que compreende 100 metros em torno das escolas.

Em 1997, Ceilândia foi superada pelo Gama que foi palco de 180 ocorrências policiais, segundo as estatísticas do Batalhão Escolar. Em segundo lugar, naquele ano, apareceu Ceilândia com 176 ocorrências.

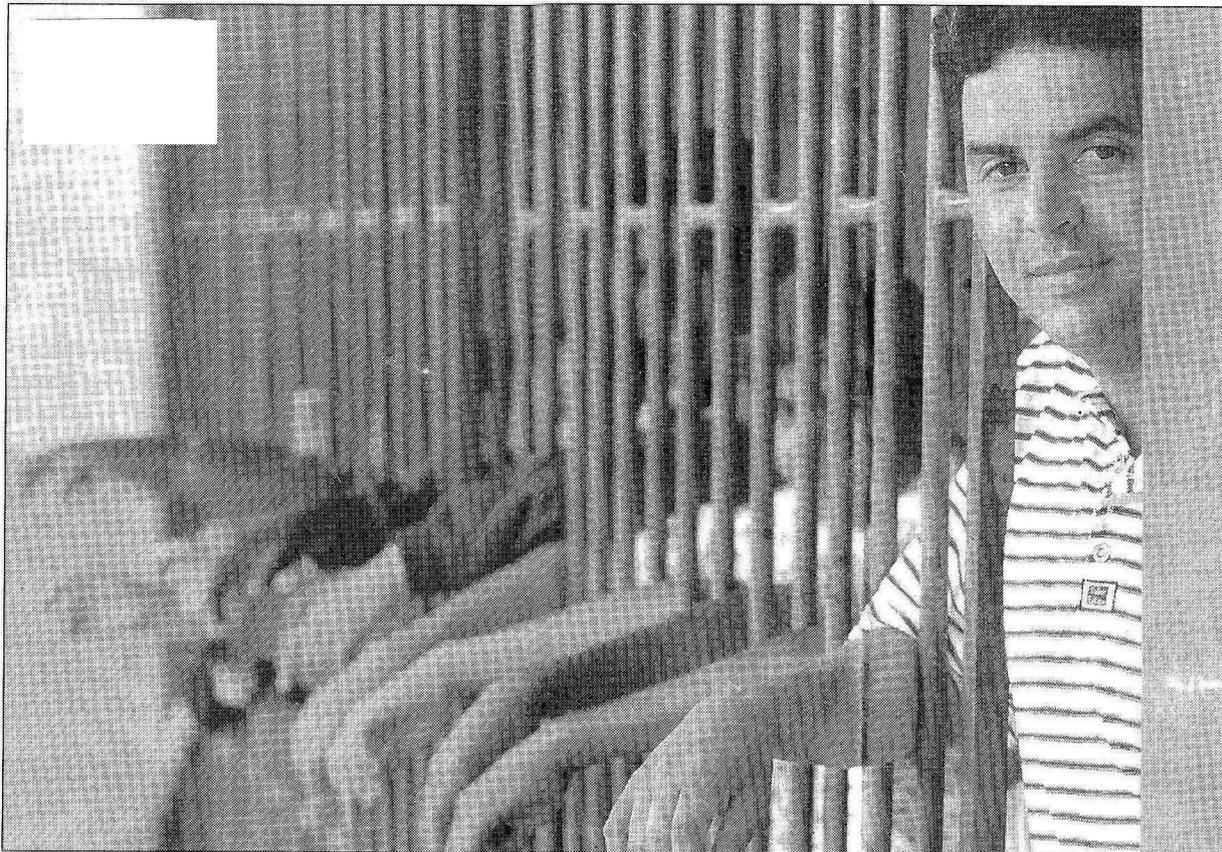
No ano passado, Ceilândia voltou a ostentar o título de cidade campeã de ocorrências. Foram 184 ocorrências de embriaguez, menores infratores, assaltos, lesões corporais, portes ilegais de armas, tóxicos e entorpecentes, disparos de armas de fogo, explosões, desacatos, direção perigosa e outras. O Gama ficou bem atrás com 107 ocorrências.

Em todo o Distrito Federal foram registradas 790 ocorrências no ano de 1998. O Batalhão Escolar não forneceu o número de ocorrências consideradas graves no ano de 1998. De 1996 para 1997 houve um aumento de 282 ocorrências graves para 368.

DROGAS

No Centro de Ensino 10, por exemplo, os alunos — todos do 1º grau — chegam a consumir drogas dentro dos banheiros. “Às vezes algum aluno me alerta sobre um estudante que está consumindo drogas no banheiro. Vou

Ronaldo de Oliveira



Romero de Almeida Souza, diretor da Escola Classe 10: muitos pais de estudantes dizem que já lavaram as mãos

até lá, trago para a direção e procuro conversar com ele e os pais”, conta o diretor Romero de Almeida Souza. Os próprios alunos vendem drogas dentro das salas de aula, segundo Romero.

Em muitas ocasiões chamar os pais dos alunos para conversar não resolve o problema. “Alguns pais chegam aqui e dizem que já lavaram as mãos e se a escola não puder fazer nada eles também não podem”, diz Romero.

A situação de D., 9 anos, resume bem o problema. D. é ex-aluno da escola do Centro de Ensino 10. Foi transferido recentemente para outra escola pública devido ao mau comportamento, resultado do consumo de drogas como tiner e cola. “Tentei conversar com a mãe dele, mas não adiantou. A família é desestruturada.

O jeito foi transferir o garoto para outra escola”, afirma Romero.

Não adiantou. D. foi para o Centro de Ensino 8, mas logo foi expulso da escola. Atualmente, passa os dias vagando pelos arredores do Centro de Ensino 10 cheirando cola e Tiner. “Outro dia desses ele teve que cortar o cabelo porque estava cheio de cola”, conta Romero. D. afirma que estuda, mas não sabe dizer nem qual é a série que frequenta. “Estudo em uma escola aqui perto, mas não sei qual é a série que faço”, diz.

Para Romero, um policial fixo, que conheça bem os estudantes e a comunidade ao redor — como no caso de Hildinei —, é a solução para conter a violência no colégio. “Com esse esquema de rodízio de policiais muitas vezes a escola fica descoberta ou en-

tão colocam um policial aqui que não conhece ninguém”, diz Romero. O diretor reclama do esquema adotado pelo Batalhão Escolar para cobrir o máximo de escolas possível com o número reduzido de efetivo disponível.

Enquanto isso a violência vai tomando conta da escola. “No ano passado um aluno atirou duas vezes contra outro, dentro da escola, por causa de uma discussão em uma aula de Educação Física”, diz Romero. O estudante da 7ª série trouxe a arma para a escola depois de ter discutido com o colega.

A bolsa de uma professora já foi furtada nos poucos segundos que ela se ausentou da sala. A lanchonete foi saqueada há pouco tempo. Os meninos quebram cadeados para tomar banho na caixa d’água da escola. Apesar de to-

das essas ocorrências, apenas uma mulher vigia o portão de entrada da escola nos dias em que os policiais não estão por perto. “Ela não tem condições nem de colocar uma pessoa estranha para fora”, lamenta o diretor.

HOMICÍDIOS

Dos quatro homicídios registrados pelo Batalhão Escolar em 1998 — sendo que dois são registrados como cadáveres encontrados —, dois aconteceram em escolas da Ceilândia. Os assassinatos em escolas do DF têm se mantido estáveis nos últimos dois anos. Em 1997, também houve quatro assassinatos nos 846 colégios públicos e privados espalhados pelo DF.

“A terceira companhia do Batalhão Escolar é, sem dúvida, a que tem mais trabalho”, afirma o tenente-coronel Hellen José Futuro Rocha Filho, comandante do batalhão. “Os crimes mais graves acontecem em Ceilândia”, diz.

Um dos motivos que explica o alto índice desses crimes em Ceilândia é a quantidade de escolas existentes na cidade. Em novembro de 1998, havia 124 escolas em Ceilândia, 114 em Taguatinga e 110 na Asa Sul para um total de 888 no Distrito Federal.

Para realizar um policiamento com maior eficiência nas escolas do DF, o Batalhão Escolar precisa de mais policiais e equipamentos melhores. “Temos 924 policiais, mas apenas 740 cobrem as escolas. O resto está empenhado em atividades burocráticas ou está dispensado por algum motivo de força maior como incapacidades temporárias, abonos e outros motivos”, diz o tenente-coronel Hellen.

Das 888 escolas do DF — 609 escolas públicas e 279 particulares — apenas a metade é policiada. Dessas escolas policiadas, 388 são públicas e 56 são particulares. O número ideal de policiais para realizar um bom trabalho preventivo nas escolas seria de 2.100, segundo avaliação do comandante Hellen.